



Investigaciones Socio Históricas Regionales
Unidad Ejecutora en Red – CONICET
Publicación cuatrimestral
Año 4, Número 8, 2014

EM NOME DA RAÇA ANGLO-SAXÔNICA: IMAGENS SOBRE AS AMÉRICAS NO RELATO DE VIAGEM DA CIRCUNAVEGAÇÃO CIENTÍFICA DA U. S. EXPLORING EXPEDITION (1838-1842)

JUNQUEIRA, Mary Anne (Departamento de História e Instituto de Relações Internacionais - Universidade de São Paulo)

Resumen

El artículo trata de las imágenes de América Latina y regiones de América del Norte (California, entonces provincia mexicana, y Oregón) elaboradas en el relato de viaje de la U. S. Exploring Expedition (1838-1842), la primera circunnavegación científica de Estados Unidos. Defiendo que las imágenes, en general negativas, elaboradas por el capitán Charles Wilkes, estuvieran fundamentadas en la idea de superioridad de la raza anglo-sajónica, común entre letrados del período y oficiales de la U. S. Navy.

Palabras claves: Viajes y viajeros; U. S. Exploring Expedition; Americas; Raza

ON BEHALF OF THE ANGLO-SAXON RACE: IMAGES OF THE AMERICAS IN THE TRAVEL WRITINGS OF SCIENTIFIC CIRCUMNAVIGATION OF THE U. S. EXPLORING EXPEDITION (1838-1842)

Abstract

The article will discuss the images and representations of Latin America and North America regions found in the travel writings of the North American scientific circumnavigation expedition by the U.S. Exploring Expedition (1832-1842). I propose that the negatives images about part of Americas was based on the idea of the superiority of the Anglo-Saxon race that dominated circles in the United States in general, and the U. S. Navy in particular.

Keywords: Travels and travellers; U. S. Exploring Expedition; Americas; Race

Em 1838, levantava âncoras do porto de Norfolk, na Virginia, os veleiros *Vincennes, Peacock, Porpoise, Relief, Sea Gull e Flying Fish* que iriam cumprir a volta ao mundo em quatro anos. A *U. S. Exploring Expedition* era a primeira circunavegação científica dos Estados Unidos aprovada

Recibido con pedido de publicación 10/03/2014
Aceptado para publicación 14/04/2014
Versión definitiva recibida 28/04/2014

EM NOME DA RAÇA ANGLO-SAXÔNICA: IMAGENS SOBRE AS AMÉRICAS NO RELATO DE VIAGEM DA CIRCUNAVEGAÇÃO CIENTÍFICA DA U. S. EXPLORING EXPEDITION (1838-1842)

pelo Congresso e levada a cabo pela a *U. S. Navy*.¹ A empresa deve ser compreendida em meio às circunavegações realizadas principalmente por ingleses, franceses, espanhóis e russos entre o último quartel do século XVIII e primeira metade do século XIX. Ainda que saibamos que uma grande exploração carregue vários objetivos, o primordial da ambiciosa viagem era o mapeamento de partes do Globo: acidentes marítimos submersos, costas sem mapeamento preciso e identificação de portos que poderiam servir para o reparo de embarcações e descanso da tripulação.² Eram seis navios nos quais embarcaram 346 (37 oficiais, oito cientistas, dois artistas e marinheiros). O relato de viagem da expedição preparado após deitar as âncoras em águas nacionais, em 1842, é alentado: 23 volumes. Os primeiros cinco foram dedicados à narrativa da viagem propriamente dita e elaborados pelo comandante, Charles Wilkes, que também se responsabilizou por alguns dos outros 18 volumes científicos.³



Os navios da Expedição em Orange Harbour (AGATE, Alfred, In: WILKES, Narrative, v.1, p.124)

¹ PHILBRICK, Nathaniel. *Sea of Glory. America's Voyage of Discovery. The U. S. Exploring Expedition, 1838-1842*. Nova York: Peguim Books, 2003; VIOLA, Herman e MARGOLIS, Carolyn. *Magnificent voyagers. The U. S. Exploring Expedition*. Washington: Smithsonian Institution Press, 1985.

² Sobre alguns dos objetivos da Expedição, Cf.: JUNQUEIRA, Mary Anne. "Charles Wilkes, A U. S. Exploring Expedition e a busca dos Estados Unidos por um lugar no mundo (1838-1842)", In: *Tempo*, vol. 13, no. 25, 2008.

³ Na época, governos, cientistas e militares discutiam a precisão dos meridianos da Terra, o estabelecimento das longitudes e o meridiano zero. Cf.: JUNQUEIRA, Mary Anne. "Os objetivos da circunavegação da U.S. Exploring Expedition (1838-1842): longitude, mapeamento náutico e instituição das coordenadas geográficas modernas". *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, v. 19, 2012.

Ainda que o grande interesse dos Estados Unidos estivesse concentrado nas ilhas do Pacífico e na cartografia da costa oeste da América do Norte (Califórnia, então região mexicana, e Oregon), os norte-americanos demoraram em descrever os países recém-independentes da América Ibérica.⁴ Defendo que é possível compreender tais imagens elaboradas no relato de viagem se considerarmos a ideia de raça anglo-saxônica difundida no período dos dois lados do Atlântico e com a qual se ocuparam cientistas, letrados e particularmente os oficiais da *U. S. Navy*.

1. Breves apontamentos sobre a ideia de raça anglo-saxônica.

Entre 1800 e 1850, os norte-americanos trataram do lugar dos indígenas e negros, escravos ou não, na sociedade. Além destes, os norte-americanos preocuparam-se também com os “outros americanos”. Como mencionado, a compreensão dos julgamentos de Charles Wilkes sobre os homens que encontrou passa, inevitavelmente, pelo entendimento da ideia de raça anglo-saxônica cuja “imprecisão” o nosso comandante comungava com outros do seu tempo.

Charles Wilkes, com raras exceções, inscreveu uma visão predominantemente negativa sobre as regiões das Américas que visitou e sobre os homens com os quais se defrontou. Para quem trabalha com relatos de viagem, ou com temas relacionados ao encontro de culturas díspares, isso não é propriamente uma novidade. No entanto, não é demais repetir que Wilkes, outros oficiais e cientistas eram norte-americanos, advindos de um país que, como outros das Américas, construía o seu Estado nacional. Os Estados Unidos não tinham ainda alcançado, no momento da viagem, o lugar no cenário mundial que vieram a adquirir ao final do século XIX. Quero salientar que, apesar disso, o nosso comandante falava com base em um lugar de enunciação — a partir dos Estados Unidos e em nome da raça anglo-saxônica —, e com autoridade e resolução.⁵

Importa ressaltar, antes de tudo, as dificuldades encontradas para acompanhar essas ideias ao longo do século XIX, uma vez que algumas elaborações sobre raça estavam em gestação, principalmente as que foram concebidas por cientistas e que requeriam debates e “comprovação”, dentro das academias, além da aceitação por parte dos pares.

⁴ Utilizo o termo norte-americano para tratar daquele que nasceu nos Estados Unidos, apesar das imprecisões que carrega.

⁵ Sobre a voz de autoridade, Cf.: SAID, Edward. *Orientalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. É preciso salientar que o ato de julgar e desqualificar os países da América Latina não esteve reservado exclusivamente aos Estados Unidos. Além das óbvias construções negativas por parte dos europeus, encontramos a mesma dinâmica entre alguns países latino-americanos. As disputas entre os países do Pacífico, no século XIX (Chile, Peru, Bolívia), entre Brasil e Argentina e a Guerra do Paraguai (1865-1870) permitiram a criação de muitas imagens negativas sobre uns e outros. Além disso, em determinados momentos históricos, o Brasil distanciou-se dos outros países da América Latina, evitando ser incluído entre os “latino-americanos”. Cf.: PRADO, Maria Ligia C. “O Brasil e a distante América do Sul”. *Revista de História* (USP), São Paulo, v. 145, 2001; BAGGIO, Kátia Gerab. *A outra América: a América Latina na visão dos intelectuais brasileiros das primeiras décadas*. São Paulo: Tese de doutoramento, FFLCH-USP, Departamento de História, 1999.

Os homens do século XIX estavam preocupados com a origem do homem e, conseqüentemente, com a origem das raças e a sua distribuição no globo. Como era possível um pigmeu da África subsaariana, um índio fueguino e um inglês serem tão absolutamente diferentes? O advento das viagens e dos viajantes, a “consciência planetária”⁶ configurada desde o XVIII e a ciência da época fizeram aqueles homens se deterem, por um lado, na busca da explicação pela diferença e, por outro, no estabelecimento pela distinção da superioridade desta ou daquela raça.

Para Charles Wilkes e outros do seu tempo, a maioria dos habitantes dos Estados Unidos era, orgulhosamente, parte da raça anglo-saxônica. Essa certeza fazia parte de uma atmosfera cultural em que vigoravam outros mitos e símbolos que vinham sendo recuperados ou gestados na constituição da nação desde 1776, como a ideia de excepcionalidade da sociedade e sistema de governo que construía e o mito da fronteira que legitimou a agressiva conquista territorial que teve lugar na primeira metade do século XIX.

1.1. A “origem dos anglo-saxões” e o papel da Inglaterra.

Note-se, por exemplo, um excerto do segundo volume da narrativa, no qual Wilkes trata da colônia britânica de *New South Wales*, vasta região da Oceania:

“Essa colônia, levando-se tudo em consideração, e a despeito dos inconvenientes é nobre. Trata-se de uma nova prova da superioridade da raça anglo-saxônica, e da sua iniciativa e perseverança em ultrapassar dificuldades”. (WILKES, Charles. *Narrative*, 1845, v. 2, p. 226)⁷

Ele “constatava” o fato ao avaliar que os ingleses afixavam a civilização do Pacífico. Para o capitão, a colonização britânica na região era a garantia de ordem e regras mínimas na condução da civilização. Veremos que o mesmo não ocorria com a colonização portuguesa e espanhola das Américas.

O termo anglo-saxão precede o século XIX, embora apareça nesse período diretamente vinculado à ideia de raça. Anglo-saxão, de modo geral, designava a fusão dos povos germânicos, anglos, saxões e jutos que vieram a ocupar o sul e o leste do que é hoje a Inglaterra, a partir do século V. Assim, o termo era referência central para tratar dos ingleses e dos seus mitos e símbolos de identidade.

O interessado em compreender o que vinham a ser os anglo-saxões, infalivelmente se verá remetido ao período medieval e àquele mundo de cavaleiros e da cavalaria. O ano de 1066 é sempre lembrado pelos estudiosos do tema, pois foi quando os normandos conquistaram a Inglaterra, modificando

⁶ Cf.: PRATT, Mary Louise. Ciência, consciência planetária, interiores. In: *Os olhos do império. Relatos de viagem e transculturação*. Bragança: EDUSC, 1999.

⁷ Traduções minhas.



o “ethos” anglo-saxão. Em geral, ressaltam-se a rebeldia e bravura dos anglo-saxões contra a invasão normanda. Outra data importante é o ano de 1534, quando Henrique VIII rompeu com a Igreja de Roma. Na época, espalhou-se a convicção de que os anglo-saxões eram diferentes e, porque mais aptos, superiores aos romanos. O rei e seus asseclas lançaram mão desse artifício na tentativa de legitimar a Igreja Anglicana que ele instalara no reino.

Ao longo dos séculos, passou-se à formulação de que os descendentes dos teutônicos, ou germânicos, tidos como “o grupo” que dera origem aos anglo-saxões, eram reconhecidos como o mais talentoso ramo dos caucasianos, já que os ingleses e norte-americanos haviam herdado o mesmo talento, além de aptidões de toda ordem, vigor e determinação. O romance de cavalaria, *Ivanhoe*, do escocês Sir Walt Scott, publicado em 1819, recuperava o mito do anglo-saxonismo, reinserindo outros atributos, tais como comportamento heroico, idealismo, postura cavalheiresca e piedade cristã.⁸ Mas note-se que, em muitos casos, os autores que tratavam dos anglo-saxões eram homens que olhavam para o passado, procurando origens comuns para um povo em geral heterogêneo ou construindo e fortalecendo mitos que envolviam o sentimento de pertença à determinada comunidade.⁹

No século XIX, como já indiquei, o termo anglo-saxão sofreu modificações e apareceu vinculado fortemente à ideia de raça, especialmente na Inglaterra e nos Estados Unidos. Com a ajuda importante dos cientistas, o termo mais usado passou a ser raça anglo-saxônica.¹⁰ Desnecessário desenvolver aqui que o termo não resiste à menor investigação sobre a definição do que vinha a ser a raça anglo-saxônica. Mesmo assim, ele (o termo) alcançou vida longa e foi amplamente utilizado até a primeira metade do século XX, em geral para alçar os anglo-saxões à posição de destaque em detrimento das “outras raças”. Embora a ideia de raça viesse sendo questionada desde o século XIX, foi o advento da Segunda Guerra Mundial — e as formulações relativas às “raças nórdicas”, “raça pura” e ao mito do “arianismo” e as suas conhecidas consequências —, que sepultou definitivamente as “elaborações raciais científicas” e inclusive a de raça anglo-saxônica. Ainda que perdurem conflitos étnicos e raciais nas sociedades atuais, eles são diferentemente colocados e distintos dos anteriormente tratados.

Jamais houve na Inglaterra um povo específico que pudesse ser chamado de anglo-saxão, já que a região fora povoada por grupos distintos, entre eles diferentes tribos germânicas, cuja implantação não suprimiu completamente os grupos celtas que ali viviam, embora muitos tenham sido empurrados para onde é hoje a Cornualha, região da Inglaterra, do País de Gales, da Escócia e da Irlanda. No século XIX, muitos faziam uma forte distinção entre o que consideravam a raça anglo-saxônica e a raça celta.

⁸Cf.: RICHMOND, Velma Bourgeois. Historical novels to teach anglo-saxonism. In: FRATZEN, Allen J. e NILES, John D. (Orgs.) *Anglo-saxonism & the construction of social identity*. Gainesville: Univerty Press of Florida, 1997

⁹ Sobre os usos do termo anglo-saxão na Inglaterra no século XIX, Cf.: STOCKING Jr., George W. Anglo-saxonism, polygenism, and physical Anthropology. In: *Victorian Anthropology*. New York/Oxford: The Free Press, 1987. Sobre os usos do termo anglo-saxão desde o período medieval, Cf.: REYNOLDS, Susan. “What do we mean by ‘Anglo-saxon’ and ‘Anglo-saxons’?” *Journal of British Studies*. v. 24, n. 4, Oct, 1985.

¹⁰ Cf.: HORMAN, Reginald. *Race and manifest destiny. The origins of American Racial Anglo-saxonism*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1981.

Alguns filólogos dividiam as línguas do mundo em germânicas, latinas e celtas, e acreditavam que poderiam classificar também a humanidade dessa maneira e em determinadas raças de descendentes comuns e com características inatas.¹¹ Dessa maneira, enquanto filólogos propunham uma divisão de raças baseada na língua, cientistas, entre eles muitos naturalistas, sustentavam uma divisão baseada na antropometria, entre outras proposições do período.¹² De qualquer modo, é importante sublinhar que, muitas vezes, a ideia de uma raça anglo-saxônica esteve mais vinculada à cultura do que propriamente à biologia.

Para o embate que foi travado entre Inglaterra e França no século XIX, basta reforçar que, para muitos que se consideravam anglo-saxões, parte dos franceses era indiscutivelmente descendentes da raça celta. Porém, o que os homens do século XIX consideravam como celtas era — como no caso dos anglo-saxões —, um amálgama de povos, tradições, culturas e línguas, resultantes de conquistas e miscigenações diversas. Para nós, é inapropriado considerar a questão racial dessa maneira, já que o tema foi amplamente debatido e questionado. Não o era para Charles Wilkes e para muitos do seu tempo.

1.2. O anglo-saxonismo nos Estados Unidos.

Nos Estados Unidos, no século XIX, o termo era utilizado de forma ainda menos precisa. Na década de 1840, “ele foi frequentemente usado para descrever os brancos dos Estados Unidos em contraste aos negros, índios, mexicanos ou asiáticos.”¹³ E os brancos, como se sabe, eram provenientes, em sua maioria, das levas de imigrações de alemães, ingleses, escoceses, irlandeses, escandinavos etc.

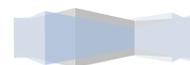
Aos poucos, o termo anglo-saxão passou igualmente a ser sinônimo de bom governo, de consistência das instituições governamentais, de preparo para o progresso e, conseqüentemente, para a civilização. Note-se que, durante as guerras de independência nos Estados Unidos e nos primórdios da formação do Estado nacional, os norte-americanos precisaram justificar e legitimar por que as 13 colônias se separaram da Inglaterra, “pátria dos anglo-saxões”. Eles conceberam que, naquele momento da década de 1770, rei e Parlamento ingleses haviam se descuidado das práticas do “bom governo”, desprezando os súditos do outro lado do Atlântico.

Thomas Jefferson, por exemplo, um dos “conhecidos pais da nação” e um dos que assinaram a Declaração de Independência do novo país, admirava a Inglaterra e o desenvolvimento das leis e política do país europeu. Ele era fascinado pelos teutônicos e anglo-saxões e incluiu os estudos sobre a “língua anglo-saxônica” na Universidade da Virgínia que ajudara a fundar. Muitos homens daquela geração acreditavam que agiam como verdadeiros anglo-saxões lutando por liberdade e pelos princípios do “bom governo”. Como bons

¹¹ Cf.: REYNOLDS, Susan, *op. cit.*, p. 396

¹² Cf.: HORSMAN, Reginald. Aryans follow the sun. In: *op. cit.*, 1981

¹³ *Ibidem*, p. 4



anglo-saxões, eles haviam lutado por representação no Parlamento inglês. Com isso, reitero que os favoráveis à independência não se indispunham contra os anglo-saxões, mas contra a Monarquia de George III que não exercia o poder de moderação em favor dos seus súditos, evitando coibir o Parlamento.

Nas palavras de Reginald Horsman: “ao longo do século XIX, os norte-americanos continuaram a temer e a desacreditar a Inglaterra, alguns até mesmo a odiavam, mas muitos líderes acreditavam que, com a exceção dos Estados Unidos, a Inglaterra era o mais feliz e o mais democrático país da Terra. A crença de que os norte-americanos eram os mais diferenciados descendentes dos anglo-saxões cresceu mais que diminuiu nas décadas após a independência do país.”¹⁴ Já na primeira metade do século XIX, a ideia de raça anglo-saxônica — além de tema central da ciência —, passou a ser disseminada por políticos, letrados, cientistas etc.

A situação, entretanto, poderia virar rapidamente: “um irlandês podia ser descrito como um celta sujo, maltrapilho e preguiçoso quando chegava a Nova York, entretanto, se seus filhos se estabelecessem na Califórnia, poderiam muito bem ser aclamados como parte da vanguarda dos enérgicos anglo-saxões, povo com postura para dar um passo decisivo dali [Califórnia] até a Ásia”¹⁵ Dessa maneira, não é possível encontrar precisões, delimitações e coerências quando o assunto é a definição da raça anglo-saxônica. Reitero que a expressão raça anglo-saxônica nem sempre esteve vinculada à biologia, mas também à cultura, à tradição, à linguagem.¹⁶

Não há dúvidas de que cientistas e oficiais a bordo da *U. S. Exploring Expedition* estavam convictos da superioridade da raça anglo-saxônica. Tal disposição pode ser acompanhada, de forma implícita ou explícita, na narrativa oficial escrita por Charles Wilkes. Convinha aos militares, mas também aos cientistas, crer que eles eram a linha de frente, a vanguarda da raça anglo-saxônica dos Estados Unidos, cujos ímpetos e talentos permitiram por em prática uma expedição com seis navios e 346 homens para cumprir a volta ao mundo em quatro anos. Como anglo-saxões, eles se consideravam preparados e autorizados à empreitada.

A partir de agora, acompanho as proposições sobre raça feitas por Charles Wilkes na narrativa oficial de cinco volumes da expedição, onde ele afirma o lugar da raça anglo-saxônica e nomeia aquilo que considera “outras raças”.

2. A *U. S. Exploring Expedition* na América do Sul.

2.1. Rio de Janeiro: atraso e “mistura de raças”

Wilkes se impressionou com o fato de o número de negros ultrapassar o de brancos na cidade do Rio de Janeiro. Para alguém que acreditava na supremacia da raça anglo-saxônica, essa constatação não era uma boa indicação, nem sobre a cidade, nem sobre o país. Ele reconhecia que havia

¹⁴ Cf.: HORSMAN, Reginald, op. cit., p. 82.

¹⁵ Cf.: HORSMAN, Reginald, op. cit., p. 4.

¹⁶ Cf.: FRANTZEN, Allen e NILES, John D. Introduction. In: *Anglo-saxonism & the construction of social identity*. Gainesville: University Press of Florida, 1997.

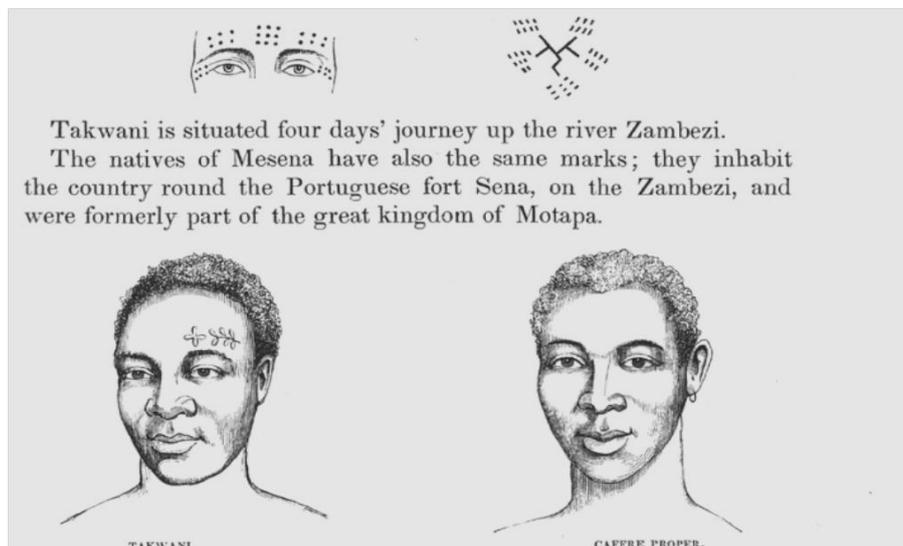
EM NOME DA RAÇA ANGLO-SAXÔNICA: IMAGENS SOBRE AS AMÉRICAS NO RELATO DE VIAGEM DA CIRCUNAVEGAÇÃO CIENTÍFICA DA U. S. EXPLORING EXPEDITION (1838-1842)

melhorias na cidade, pois já estivera no lugar anteriormente, em grande medida em razão “das formas republicanas, dos hábitos e costumes que estavam gradualmente engatinhando sob sua nova constituição”

Ainda que houvesse avanços, as questões da continuidade do tráfico de escravos, do número de negros na cidade e da “mistura de classes” e de “raças” eram um problema na concepção do comandante.

“(…) Todos, no seu primeiro desembarque no Rio, ficarão impressionados com a indiscriminada mistura de classes, em todos os lugares, todos parecendo em termos do máximo da igualdade. Oficiais, soldados e padres, brancos e negros, misturando e atuando em suas respectivas obrigações, sem preocupações de cor ou aparência. A única distinção parece ser aquela da liberdade e da escravidão. Há muitos negros livres, ricos, muito respeitáveis, que se amalgamaram às famílias brancas, e são aparentemente recebidos em perfeita igualdade” (WILKES, *Narrative*, 1845, v. 1, p. 47). Grifo meu.

Wilkes utiliza o termo classe, e não raça, para reiterar a mistura generalizada que via no Brasil, e ele mesmo mistura indiscriminadamente cor da pele com profissão para tratar do assunto aqui e ali.



Descrição e desenho de negros do Rio de Janeiro (WILKES, *Narrative*, 1845, v. 1, p. 62).

O comandante, como outros, confrontou grupos que estavam separados geográfica e temporalmente. Por exemplo, ele comparou alguns escravos brasileiros com os polinésios, já que ambos adotavam a prática de tatuar a pele.

2.2. Terra do Fogo: o encontro com uma “raça simples”

Após a permanência de seis semanas no Rio de Janeiro, os navios da expedição passaram pelo rio da Prata e alcançaram a província de Rio Negro onde procederam ao mapeamento na desembocadura do rio de mesmo nome. Na época, a Argentina estava sob o governo de Juan Manuel de Rosas (1835-1852), nome que Wilkes não mencionou, mas indicou que conhecia a política do “atual governo que procurava concentrar os negócios em Buenos Aires”. Wilkes tratou dos índios *Patagones*:

Eles tinham aparentemente pouca curiosidade, e nada parecia atraí-los ou causar-lhes surpresa; sua principal característica parecia ser o ciúme. Embora sejam uma raça simples, não são carentes de astúcia, e com grande dificuldade foram convencidos a se separar de seus arcos e suas flechas a trocá-los conosco. E assim fizeram depois de pedirem permissão ao chefe. [...] Eles recusaram tabaco, whisky, pão ou carne, e desejavam apenas obter ferro velho, pregos e argolas de ferro.” (WILKES, *Narrative*, 1845, v. 1, p. 118)

Como vimos, os índios para o nosso comandante eram uma raça simples. Note-se que ele utiliza o termo raça para tratar de um grupo indígena. Depois de oito dias em Rio Negro, eles seguiram para o arquipélago da Terra do Fogo, extremo sul da América do Sul. Foi a partir dali, mais precisamente do porto de Orange, que eles se aventuraram até a Antártida.



NATIVE OF TERRA DEL FUEGO.

Nativo da Terra do Fogo. (WILKES, *Narrative*, 1845, v. 1, p. 126).

Alguns navios permaneceram no porto, enquanto outros se dirigiram para o continente gelado. Foi ali também que os oficiais e os cientistas demoraram-se em descrever os nativos fueguinos. Wilkes demonstrou surpresa com o aspecto desagradável daqueles índios. Segundo o comandante, eles chegaram em canoas e estavam completamente nus, com apenas um pedaço de pele de foca cobrindo os ombros. Ainda segundo o capitão, eles pertenciam ao grupo dos *Petcherai*.

“É impossível imaginar qualquer coisa na natureza humana mais imunda. Eles são mal-formados, trata-se de uma raça feia. Têm pouca ou nenhuma ideia do valor relativo dos artigos, mesmo aqueles que alguém possa supor fossem de máximo uso para eles como o ferro e os objetos de vidro. Uma garrafa quebrada tem muito mais valor que uma faca.” (WILKES, *Narrative*, 1845, v. 1, p. 126-127). Grifo meu.

Nesse excerto, Wilkes, como fez com os *Patagones*, tratou os *Petcherai* como uma raça. O comandante usou o termo raça para tratar de indivíduos com uma mesma cor de pele (os negros), para tratar de um grupo de negros do norte da África subsaariana (os Mina) e agora para referir-se a uma tribo.

Depois de dois meses entre a Terra do Fogo e à Antártida, eles rumaram para os portos do Chile e Peru com o objetivo de se refazerem do esforço no continente gelado. Ali, eles perderam o navio de apoio, o tênder *Sea Gull*. Mas foi apenas em Valparaíso, no Chile, que realmente perceberam que não mais veriam nem o navio, nem a tripulação, pois esperaram, esperaram, e o veleiro jamais apareceu.

2.3. Chile: uma exceção na América do Sul?

Os homens chegaram às costas do Chile curiosos para ver a cordilheira. Charles Wilkes foi recebido pelo cônsul dos Estados Unidos, e um inglês ofereceu-lhe uma casa para que ali despendesse alguns dias. Enquanto os navios permaneceram em Valparaíso, oficiais e cientistas se deslocaram, por terra, até Santiago. Os cientistas, com destaque para o mineralogista James Dwight Dana, subiram as altas montanhas para analisar os minerais e coletar espécies da região. Há páginas e páginas da narrativa dedicadas às minas do Chile. Tal produção de minérios certamente interessava aos Estados Unidos.

Como no Rio de Janeiro, eles reuniram o maior número possível de informações sobre a região, cuja diversidade ia desde as espécimes coletadas, passando por temperatura e clima locais, até o tipo de governo e economia do país. O porto de Valparaíso, como o do Rio de Janeiro, era central para a logística das viagens de longo curso. Segundo Wilkes, “Valparaíso tem crescido grandemente em tamanho e importância nos últimos anos e se transformou no grande porto do Chile e, de fato, de toda a costa” (WILKES, *Narrative*, 1845, v. 1, p. 170).

Com relação aos chilenos, Wilkes utilizou o mesmo recurso do qual lançou mão para tratar dos habitantes do Rio de Janeiro. Ele estabeleceu comparações entre a sua primeira visita na década de 1820 e a do ano de 1839.

“Eu tive a oportunidade de conhecer e comparar o seu presente estado com aquele de 1821 e 1823. A cidade era então uma pequena vila, composta, com poucas exceções, por ranchos dispersos. [...] Na minha visita anterior, não havia nenhum tipo de ordem, regulação ou bom governo. Roubos, assassinatos e vícios de todos os tipos eram abertamente cometidos. Agora, Valparaíso, e na verdade todo o Chile, mostra uma grande mudança para melhor: a ordem reina por toda a parte, raramente há notícias sobre crimes, e eles nunca ficam sem a punição; boa ordem e decoro prevalecem em todo o lugar de forma que a máquina do bom governo, e política ativa e eficiente, foi estabelecida. O Chile é admiravelmente regulado e instaurou completamente em ação, não somente na proteção da vida e da propriedade, mas também em conforto para os habitantes.” (WILKES, *Narrative*, 1845, v. 1, p. 170-172).

O Chile era visto por Charles Wilkes como uma exceção na América do Sul. Importa ressaltar que esse “lugar-comum” é reiterado ainda nos dias de hoje. Enquanto a maioria dos países hispano-americanos era vista como tomada pela inconstância, o Chile, por sua vez, era percebido como o lugar da estabilidade política e do crescimento econômico. O governo conservador e autoritário de José Joaquín Prieto (1831-1836 e 1836 - 1841), com a ajuda do ministro Diego Portales, a quem Wilkes concedeu especial destaque na narrativa, havia aplacado a forte instabilidade que ocorreu logo após a independência do país. Volubilidade que Wilkes afirmou ter testemunhado na primeira vez em que esteve na região e que agora constatava como completamente superada.¹⁷ É certo que o Chile não passou pelas demoradas disputas política que a região do Prata — com destaque para a Argentina — atravessou na constituição do seu Estado nacional. Contudo, o embate entre liberais e conservadores ali também foi importante. É provável que Charles Wilkes tenha repercutido a versão do próprio governo conservador, já que permaneceu no Chile por apenas 21 dias, pouco tempo para consolidar uma opinião sobre o assunto.

2.4. O Peru e a ineficiência da raça espanhola.

Depois do Chile, os navios levantaram âncoras e rumaram para Callao, no Peru. Tal como no Rio de Janeiro e em Valparaíso, o porto era também uma importante base para a logística das viagens de longo curso.

“Em Lima, impressionei-me com a mudança para pior desde a minha última visita. Tudo agora sinaliza decadência e pobreza; uma triste mudança tendo em vista o seu esplendor e a riqueza anteriores. Essa

¹⁷ Cf.: COLLIER, Simon. O Chile da Independência à Guerra do Pacífico. In: BETHELL, Leslie. *História da América Latina. Da Independência até 1870*. São Paulo: EDUSP, 2001.

EM NOME DA RAÇA ANGLO-SAXÔNICA: IMAGENS SOBRE AS AMÉRICAS NO RELATO DE VIAGEM DA CIRCUNAVEGAÇÃO CIENTÍFICA DA U. S. EXPLORING EXPEDITION (1838-1842)

apresentação foi observada não somente com relação à cidade, mas também com os seus habitantes. Famílias inteiras foram varridas do lugar, e seus subordinados ou forasteiros transformaram-se em donos das casas e propriedades. O país tem sido cena de comoção e revolução nos últimos 25 anos, durante os quais Lima, por um longo tempo, foi o centro [...]. Certamente, Lima pode ser designada como uma cidade decadente.” (WILKES, *Narrative*, 1845, v. 1, p. 243).

Um significativo contraste foi estabelecido por Charles Wilkes ao descrever primeiro o Chile e depois o Peru, embora, aqui e ali, o comandante tenha registrado as “melhorias” que observou no lugar. Para Wilkes, Lima estava em ruínas. Ele descreveu o que viu na capital desde praças, palácios, catedral, conventos, mercado, museu, biblioteca, até o teatro da cidade. Vejamos os comentários que ele teceu sobre a população do Peru.

“Existem três classes de habitantes, a saber: brancos, índios e negros. A união dos dois primeiros produz o *cholo*; dos dois últimos, o *zambo*, e do primeiro e do último, o mulato. Os espanhóis, ou brancos, são uma raça alta, particularmente as mulheres. Eles têm cor da pele morena, ocasionalmente de uma cor brilhante, e olhos e cabelos negros. Alguns deles são extremamente bonitos. Os *cholos* são baixos, mas bem feitos, e têm particularmente pés e mãos pequenos.” (WILKES, *Narrative*, 1845, v. 1, p. 250). Grifo meu.

Nesta passagem, o comandante usou o termo classe — em vez de raça — para tratar índios, brancos e negros, mas referiu-se aos espanhóis, que considerava brancos, como uma raça. As indicações são de que as palavras raça e classe, no texto de Wilkes, são sinônimas.





Baños, Peru, por Alfred Agate (WILKES, *Narrative*, 1845, v. 1, entre p. 272 e 273).

3. A U. S. *Exploring Expedition* na costa oeste da América do Norte.

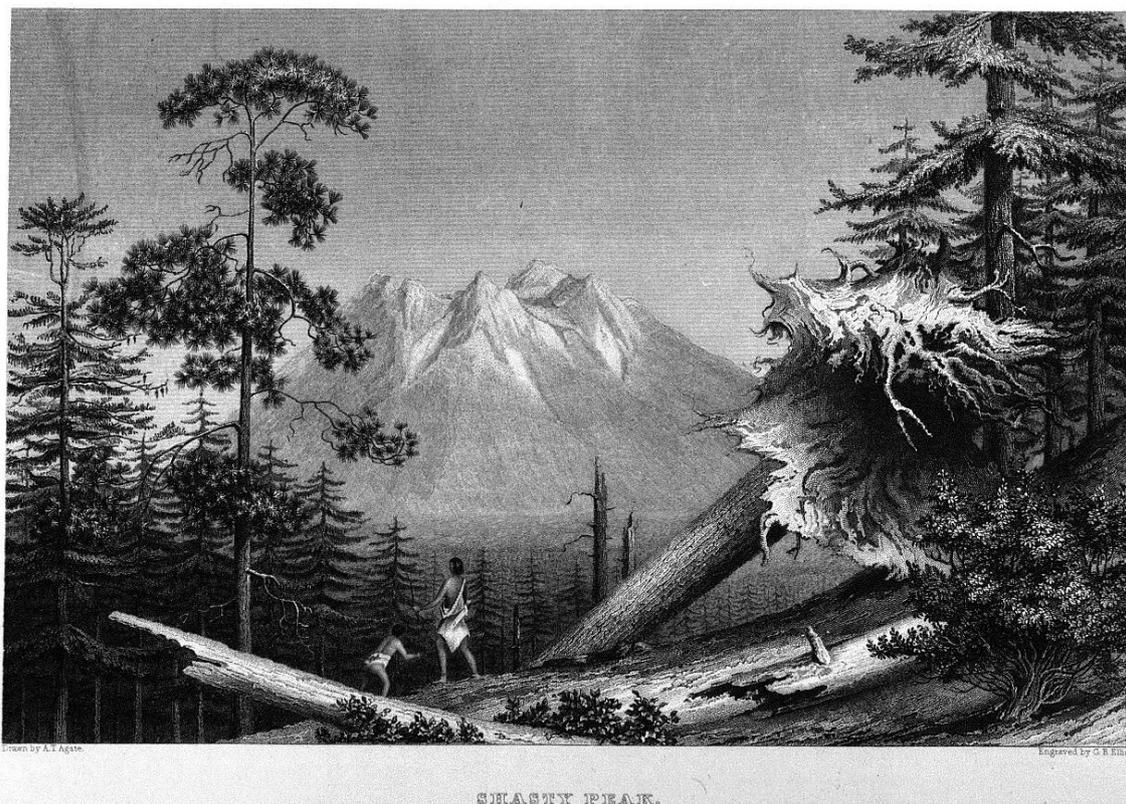
3.1. Oregon: os índios e o papel da *Hudson Bay Company*.¹⁸

Os expedicionários depois de mapearem o Pacífico dirigiram-se para costa Oeste da América do Norte. Esta era a região das Américas que mais interessava aos norte-americanos. Lembro que na época a Califórnia era ainda província pertencente ao México e o Oregon (hoje estados do Oregon e de Washington) era território em disputa. Nessa última região, Charles Wilkes comparou os índios com outros que conhecera anteriormente.

“Pela manhã, fomos abordados por uma grande canoa com índios, que falavam poucas palavras em inglês e nós tivemos a oportunidade de observar a ampla diferença entre eles e os polinésios, em linguagem e aparência. Nenhum contraste pode ser mais chocante que esse. Eles parecem ter escassa ideia de decência, e são pouco menos elevados em moral e qualidades que os fueguinos. O principal deles veio a nós, estava vestido com um casaco vermelho com os botões da Hudson Bay Company e com calças de veludo. Ele não usava camisa, sapatos e chapéu, embora a chuva caísse fortemente. Os outros se cobriam com cobertas ou peles e usavam um chapéu cônico, semelhante ao usado pelos chineses. A primeira indagação que nos foi feita era se estávamos nos navios de Boston ou nos do rei George. Era a forma deles distinguirem norte-americanos e ingleses.” (WILKES, *Narrative*, 1845, v. 5, p. 317).

Note-se que os fueguinos tornaram-se referência para o comandante. Para ele, era um dos grupos localizados, indiscutivelmente, no mais baixo degrau da civilização. Os fueguinos perdiam até dos “lastimáveis” índios do Oregon” na escala, enquanto os polinésios eram mais dignos de consideração por parte do comandante. Esse excerto revela que a presença inglesa e norte-americana era significativa no local, a ponto dos índios perguntarem se eles eram de Boston. Embora Wilkes afirmasse que a vida dos brancos seria impossível na região sem a ajuda dos índios, não havia saída para aqueles nativos. Para o comandante, fueguinos, Black Feet, Flathead tinham um destino selado. Eles desapareceriam porque pertenciam a uma raça simples e débil, cujos indivíduos seriam aos poucos extintos quando em contato com o branco, sobretudo diante da energia, do ímpeto e da indústria da raça anglo-saxônica.

¹⁸ Daqui ao final do artigo refiro-me à ampla região que vai do Oregon à Califórnia, chamando-a de costa oeste da América do Norte ou costa noroeste da América do Norte. Porém, reitero que quando me refiro aos “norte-americanos”, trato daqueles que nasceram nos Estados Unidos ou que se reconheciam como estadunidenses.



Monte Shasta, Oregon – (AGATE, Alfred. In: WILKES, Charles, vol. V, p. 252).

3.2. Califórnia: raça anglo-saxônica versus raça espanhola¹⁹

Após cinco meses na região do Oregon, a expedição seguiu finalmente para Califórnia, onde eles permaneceram por cerca de 50 dias. Assim que aportaram, Wilkes enviou um oficial às autoridades locais. Se, na América do Sul, Wilkes não poupou críticas aos peruanos e às condições da cidade de Lima, na costa oeste da América do Norte, o comandante reservou inclementes comentários para os habitantes da Califórnia, então província mexicana. O texto da narrativa de viagem oscila entre as notáveis possibilidades da região e o lamentável “baixo nível” dos mexicanos. Essa imagem foi construída a partir de um amplo leque de conjecturas e descrições dos locais, cujos lugares-comuns iam desde a aparência dos indivíduos, passando por sua história, até a má organização do governo.

“Embora estivesse preparado para anarquia e confusão, fiquei surpreso quando encontrei uma total ausência de governo na Califórnia. [...] Julguei muito difícil obter uma informação acurada em relação ao lugar. O país, quando da nossa visita em vários dos anos anteriores, tem estado em revolução e, como é frequente em casos de circunstâncias similares, esteve envolvido em anarquia e confusão, sem leis ou segurança das pessoas e da propriedade. O país está passando por mudanças frequentes, as quais são difíceis de entender ou descrever.” (WILKES, *Narrative*, 1845, v. 5, p. 162-164).

¹⁹ O comandante refere-se à região como Alta Califórnia. Aqui, utilizarei apenas Califórnia.

EM NOME DA RAÇA ANGLO-SAXÔNICA: IMAGENS SOBRE AS AMÉRICAS NO RELATO DE VIAGEM DA CIRCUNAVEGAÇÃO CIENTÍFICA DA U. S. EXPLORING EXPEDITION (1838-1842)

Quando Wilkes esteve no México, o país passava pelas disputas de poder em prol do Estado nacional. Como em outras regiões em que aportou, o comandante elaborou algumas páginas sobre a História do local, mas, diferentemente dos outros países das Américas em que esteve, preocupou-se com a História da Califórnia. Ele optou por tratar da região, em vez do país, ainda que aqui e ali se remetesse ao México em geral. Para além da dificuldade em compreender a política local, como disse o capitão, a opção por se dedicar à História da Califórnia, e não à do México, indica o interesse específico dos Estados Unidos por aquela região da costa oeste.



SACRAMENTO INDIANS GAMBLING.

Índios em Sacramento, Califórnia-(AGATE, Alfred. In: WILKES, Charles. Narrative, v.5, p. 228).

O comandante reproduziu determinados estereótipos sobre os mexicanos que já circulavam nos Estados Unidos. Eles eram vistos como sujos, enebados, mal-educados e, como não podia deixar de ser, indolentes. Tal desqualificação, como sabemos, legitimou a conquista avassaladora que o país do norte exerceu sobre o México. Os homens de indústria, os da raça anglo-saxônica, eram os mais qualificados para povoar aquelas terras, os mexicanos não.²⁰ O fato de os mexicanos serem descendentes dos espanhóis os desacreditava:

“Para todos os estrangeiros, menos para aqueles da raça espanhola, os índios pareciam em geral bem dispostos, já que receberam considerável

²⁰ Sobre as imagens negativas dos mexicanos que circulavam nos Estados Unidos, na primeira metade do século XIX, Cf.: LEON, Arnoldo. *They called them greasers. Anglo attitudes toward Mexicans in Texas, 1821-1900*. Austin: University of Texas Press, 1983; JOHANNSEN, Robert W. *To the Halls of the Montezumas. The Mexican War in the American Imagination*. New York: Oxford University Press, 1985.

e bondoso tratamento dos padres das missões. [...] O conhecimento que eles [os índios] têm dos californianos, dos estabelecimentos missionários e da maneira de conduzi-los não os habilita a agir mais efetivamente; e se não fosse pela presença dos ingleses e norte-americanos, seriam propellidos pela raça espanhola para fora do país, ou seriam confinados nos estreitos limites das suas vilas.” (WILKES, *Narrative*, v. 5, p. 186). Grifos meus.

Wilkes aqui se coloca ao lado dos índios, das missões católicas do período colonial, e contra os mexicanos. Ele distinguiu que aqueles índios não eram selvagens como outros que encontrou. Contudo, a sua defesa da presença dos ingleses e dos norte-americanos em proteção dos nativos não resiste a qualquer averiguação. Não é preciso desenvolver aqui que os índios foram os grandes perdedores na conquista territorial levada a cabo pelos Estados Unidos, junto aos mexicanos que perderam metade do seu território, alguns anos após a passagem da *U. S. Exploring Expedition* pelo local. Aqueles que não sucumbiram por doença, ou sob as balas da cavalaria, foram confinados em reservas próprias para esse fim. Todavia, o que me interessa discutir em relação a esse excerto é menos a questão indígena e mais como Wilkes se referiu aos mexicanos. A descendência espanhola e portuguesa não era favorável aos habitantes da América Ibérica, a única exceção era o Chile que, segundo o comandante, mantinha estabilidade política e adotava hábitos europeus.

Novamente, sublinhe-se que aquilo que o comandante apontava como “uma raça” carecia de precisão: podia abarcar todos os negros, uma tribo, uma nação etc., Ademais, ele referiu-se à raça dos anglo-saxões para tratar dos ingleses e de seus descendentes, e à raça espanhola para tratar dos espanhóis e de seus descendentes.

O propósito era claro e o interesse manifesto. Certamente Wilkes recebeu instruções para obter quaisquer informações sobre o lugar, averiguar os empenhos de outras nações na região e relatar as possibilidades que oferecia. Quanto a isso, ele não manteve reservas e expressou claramente aquilo que acreditava viria a acontecer na costa noroeste da América do Norte. Termina essa exposição com um excerto que considero muito significativo e que, sob o meu ponto de vista, expressa o que venho discutindo aqui.

“A situação da Alta Califórnia causará a sua separação do México em poucos anos. [...] É muito provável que essa região venha a se unir ao Oregon com o qual ela talvez forme um Estado, e que estaria destinado a controlar os destinos do Pacífico. Esse futuro Estado admiravelmente situado pode vir a ser uma poderosa nação marítima, com dois dos melhores portos do mundo, Juan de Fuca e San Francisco. Essas duas regiões têm tudo para crescer e manter um intercuro com a Polinésia, tanto quanto com os países da América do Sul, por um lado, e China, Filipinas, Nova Holanda e Nova Zelândia, por outro. Em poucos anos, pode ser incluído o Japão. Os vários tipos de clima fornecerão os materiais para um benéfico intercâmbio de produtos que deve, a seu tempo, tornar-se imenso; enquanto essa costa oeste goza de um clima em muitos aspectos superior a qualquer outro do Pacífico, a ser

EM NOME DA RAÇA ANGLO-SAXÔNICA: IMAGENS SOBRE AS AMÉRICAS NO RELATO DE VIAGEM DA CIRCUNAVEGAÇÃO CIENTÍFICA DA U. S. EXPLORING EXPEDITION (1838-1842)

possuída como deve ser pela raça anglo-normanda, e não encontrando rivalidades, além dos habitantes indolentes de clima quente, está evidentemente destinada a preencher um grande espaço no futuro da história do mundo.” (WILKES, *Narrative*, 1845, v. 5, p. 182-183). Grifos meus.

A costa oeste da América do Norte era considerada estratégica. Dali poder-se-ia ter controle sobre vasta área do Pacífico, coalhado de ilhas habitadas por polinésios, além da facilidade do livre fluxo de navios — “sem concorrência” — para Ásia e América do Sul. Wilkes primeiro imaginou um futuro para região, quase um jardim das delícias, o único impedimento eram os indolentes habitantes dos climas quentes: os mexicanos. Para ele, era quase um direito da raça anglo-normanda tomar a posse da região, por causa da sua liderança, ímpeto, aptidão e indústria. Na perspectiva do nosso comandante, os mexicanos, definitivamente não eram páreo para os da raça anglo-saxônica.

A *U. S. Exploring Expedition* baixou âncoras de volta em águas nacionais em 1842, quatro anos depois estourava a Guerra com o México, ao fim da qual o país latino-americano perdeu metade do seu território para os Estados Unidos, como mencionado, inclusive a Califórnia. Na mesma época, em acordos com a Inglaterra, os norte-americanos anexaram o Oregon. A expedição foi a principal responsável pelo detalhado mapeamento do local, além de reunir outros saberes sobre a região. Quer se dizer que a primeira circunavegação científica do país rendeu ao governo dos Estados Unidos alentado número de informações que ajudaram a preparar guerras e anexações territoriais.

